Cruzeiro do Sul
Educacional

O Uso da Língua Portuguesa em Diferentes Contextos

Conteudista
Prof.ª Dra. Silvia Augusta de Barros Albert

Revisão Textual
Mírian Lúcia Ferreira

Sumário

Objetivos da Unidade 3

Introdução 4

Língua, Linguagem, Cognição e Sociedade 5

A Língua em Uso 9

Níveis e Registros da Língua 9

Modalidades da Língua: A Fala e a Escrita 12

Variações Linguísticas e a Norma Urbana de Prestígio ou Norma Padrão 17

Texto e Contexto: O Uso Situado da Língua 23

Concepção de Texto 24

Contexto 32

Os Gêneros e as Esferas de Atividade 33

O Novo Acordo Ortográfico 36

Saiba O que Muda com o Novo Acordo Ortográfico 37

Atividades de Fixação 42

Material Complementar 43

Referências 44

Gabarito 46

Objetivos da Unidade

- Compreender as principais diferenças entre Língua e Linguagem Verbal em diversos contextos de uso, assim como os conceitos-chave que fundamentam os estudos da língua materna, incluindo modalidades, variações linguísticas, texto e gênero, contexto, produtor e leitor, e situação comunicativa;

- Explorar as relações entre Língua e Linguagem Verbal, e os conceitos fundamentais relacionados à língua materna, a fim de analisar de forma crítica as modalidades linguísticas, variações, textos e gêneros, contexto, produtores e leitores, e situações comunicativas;

- Aprimorar conhecimentos a respeito do Novo Acordo Ortográfico, e sua contextualização, além de apreender as mudanças gráficas e as novas regras de acentuação.

Atenção, estudante! Aqui, reforçamos o acesso ao conteúdo *on-line* para que você assista à videoaula. Será muito importante para o entendimento do conteúdo.

Este arquivo PDF contém o mesmo conteúdo visto *on-line*. Sua disponibilização é para consulta *off-line* e possibilidade de impressão. No entanto, recomendamos que acesse o conteúdo *on-line* para melhor aproveitamento.

VOCÊ SABE RESPONDER?

De que maneira o estudo das diferenças entre Língua e Linguagem Verbal, juntamente com os conceitos-chave que sustentam os estudos da língua materna, como modalidades, variações linguísticas, texto e gênero, contexto, produtor e leitor, e situação comunicativa, contribui para uma análise crítica das modalidades linguísticas, variações, textos e gêneros, contexto, produtores e leitores, e situações comunicativas?

Introdução

Nesta Unidade, vamos tratar sobre o uso da língua portuguesa, em diferentes contextos, evidenciando seu caráter e vocação dinâmicos, portanto, passível de mudanças e transformações. Vamos nos orientar pela concepção de língua não como um código estático e, sim, como uma atividade social e cognitiva, sempre situada historicamente e construída interativamente.

> Ficou muito complicado? Então, prossiga na leitura deste material teórico que retomaremos e explicaremos essa concepção. Pode manter a tranquilidade, ok? Temos como objetivo, neste momento da disciplina, sobretudo, ampliar a concepção de língua que ainda é amplamente veiculada em manuais didáticos na escolarização básica, e que circulam socialmente de maneira bem aceita.

Esta concepção aproxima de forma tão intensa as noções de língua e de gramática normativa que levam os usuários da língua a confundir uma com a outra. Frequentemente, é considerado certo, que para aprender a usar a língua em sociedade – ou seja, para interagir com o outro e comunicar-se socialmente, para ler e escrever – basta estudar a gramática e conhecer suas regras. Não é mesmo? Lemos e ouvimos isso muitas vezes, concorda?

Para transformar essa "crença" e abalar algumas convicções bem arraigadas, que vêm do senso comum e de teorias e de práticas mais descontextualizadas. Nosso objetivo é de ampliar conhecimentos, propomos aqui algumas reflexões e algumas práticas, abordando conceitos que acreditamos ser essenciais para o estudo da língua, respaldados em fundamentos teóricos dos estudos do âmbito da língua e da linguística contemporâneos.

É claro que, conhecer a gramática normativa da língua e obedecer às suas regras, é muito importante para usá-la adequadamente, principalmente em situações comunicativas que exigem maior formalidade, como na faculdade e no trabalho. No entanto, não podemos restringir a sua concepção apenas a essas situações de uso. Há muito o que entender sobre os aspectos e os processos que determinam a concepção de língua, inclusive para poder adequar o seu uso, como veremos a seguir.

Esperamos contribuir para a sua formação acadêmica e profissional, pois acreditamos que aperfeiçoar o uso da língua em diferentes contextos pode ser determinante para o seu desenvolvimento como cidadão que vive em sociedade, como estudante do Ensino Superior e como futuro especialista do mundo do trabalho.

Esta Unidade apresenta conceitos que serão mais especificamente desenvolvidos ao longo desta disciplina de Língua Portuguesa e outros que são a base para tratarmos dos processos de leitura e de escrita, também abordados em Unidades específicas nesta disciplina. Orientamos que você faça, ao final desta Unidade, uma ficha síntese de leitura que contemple as principais noções aqui apresentadas. Assim, essa ficha vai servir como uma referência teórica que, com certeza, vai lhe ajudar na leitura das outras Unidades, combinado? Então, mãos, olhos, ouvidos, mente e palavras à obra!

Língua, Linguagem, Cognição e Sociedade

> Pelo uso da Linguagem, as pessoas podem formar grupos com o objetivo de viverem juntas. A Linguagem também se estabelece como uma forma de poder, possivelmente sendo a primeira forma de poder criada pelo ser humano.
> **Fonte: Charaudeau, 2014**

A linguagem humana é o que nos distingue como ser vivo, que pensa e que se comunica para viver em sociedade. Inseparável do homem, ela está presente em todos os seus atos. É o que nos permite elaborar e expressar pensamentos, sentimentos, emoções, desejos, atitudes.

Importante

Ao lançarmos mão da linguagem, influenciamos e somos influenciados, educamos e somos educados, transformamo-nos e também transformamos o meio em que vivemos. É importante perceber que há sempre um aspecto interativo, isto é, de alguém para outrem, em relação à linguagem e ao uso que o homem faz dela, não é mesmo?

Isso está na natureza humana, pois como afirma Marcuschi (2007), o que diferencia os humanos de outras espécies de seres vivos é que os homens compreendem os outros de sua espécie como agentes capazes de interagir com eles, o que traz uma dupla vantagem: possibilita que consigam agir colaborativamente; e possibilita, também, o aprendizado cultural e a internalização de produtos culturais os quais serão legados a outras gerações. A diferença do homem com os outros seres vivos, portanto, de acordo com o autor, é que nós interagimos com o meio ambiente como eles o fazem também, mas o dominamos para nossos objetivos.

Compreender a linguagem dessa perspectiva é entendê-la como um dos aspectos humanos mais antigos que diferenciam o homem de outros seres vivos. Muito anterior à roda, ao machado, à descoberta do fogo, a linguagem:

> [...] foi o motor da própria construção da condição social do homem, que só assim conseguiu fazer o outro saber que pensa e o quê pensa.
> **Fonte: Marcushi, 2007, p. 108**

Desde os gregos, os homens, do lado ocidental do mundo, se perguntam sobre como nos apropriamos da realidade, ou seja, como se dá nosso acesso à realidade e como construímos o conhecimento. Foram muitas as respostas desde então, mas, atualmente, afirma-se que a "[...] ação comunicativa é uma das bases para a construção do conhecimento e da produção de sentidos." (MARCUSCHI, 2007, p. 82).

Além disso, vale lembrar das atividades relacionadas à cognição que precisamos realizar para efetivar essa ação comunicativa. Mas o que entendemos por cognição?

De acordo com Marcuschi (2007), a cognição diz respeito ao conhecimento, suas formas de produção e processamento, da qual se ocupa a Ciência Cognitiva. Nessa área, estuda-se a natureza e os tipos de operações mentais que realizamos no ato de conhecer ou de dar a conhecer. De acordo com o autor, no nosso caso, trata-se dos meios de produzir e transmitir o conhecimento linguisticamente.

Cultura, sociedade e cognição estão, portanto, na base de toda nossa capacidade de pensar e de dizer o mundo. Ao entendermos assim a linguagem como Fenômeno humano, que se dá como uma interlocução situada e se oferece como conhecimento para o outro, vamos entender que essa é a forma de ser da língua. Vamos conceber a língua ressaltando a sua dinamicidade, não como um retrato do mundo, mas como uma forma de agir sobre ele. A língua, então, deixa de ser apenas um instrumento, um código de que lançamos mão para falar o mundo e passa a ser uma atividade social e cognitiva, sempre situada historicamente e construída interativamente. A língua é estável, mas não estática, deixa-se normatizar, mas de forma variável e variada (MARCUSCHI, 2007).

Assim, amplia-se bem a noção de língua, não é mesmo? Dessa perspectiva fica muito difícil confundi-la com a gramática normativa, concorda? Dispomos, a seguir, de algumas definições de estudiosos brasileiros da língua que são convergentes com o que aqui propomos.

Glossário

Língua é um produto cultural, histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico (no nosso caso, os países que compõem a comunidade lusófona) (BECHARA, 2004).

- **A língua é uma entidade complexa:** é mais do que um sistema em potencial, em disponibilidade. "É uma atividade interativa, direcionada para a comunicação social." ANTUNES, 2007, p. 40.
- A língua é "[...] heterogênea, social, histórica, cognitiva, indeterminada, variável, interativa e situada." MARCUSCHI, 2008, p. 65.

Podemos perceber, nessas concepções, que os aspectos sociais, culturais, históricos e cognitivos estão sempre presentes em sua definição. Vamos ver, ainda nesta Unidade, que a utilização da língua está sujeita a diferentes tipos de regras, tanto àquelas relativas aos processos de produção e recepção de textos quanto às normas sociais de atuação.

Restringir o estudo da língua apenas à sua gramática é limitar as possibilidades de compreendê-la em suas múltiplas possibilidades e determinações, não é mesmo? Mas, por outro lado, não podemos prescindir do estudo da gramática, por isso, cada unidade da disciplina, como informamos antes, traz um conteúdo para o seu aperfeiçoamento no uso da língua, ok? Contamos com seu empenho em estudá-los!

Vale lembrar, ainda, que a língua portuguesa é o meio de expressão da cultura de todos os falantes que pertencem à chamada comunidade lusófona, ou seja, aqueles que usam o idioma para se expressar e se comunicar cotidianamente. Vamos voltar a tratar desse tema na seção em que abordamos o Novo Acordo Ortográfico. Por ora, vale acessar o link a seguir para compreender a extensão do uso da língua portuguesa no mundo.

Leitura

Veja mapa da comunidade lusófona e sua importância.

Enfim, dessa perspectiva, podemos depreender que há muitas possibilidades do uso da língua portuguesa e diferentes falares, que dependem de fatores socioculturais e históricos, além de aspectos cognitivos, comunicacionais e situacionais. No emprego da língua, há, pois, diferenças geográficas (falares locais e variações regionais), socioculturais (nível culto, nível coloquial ou popular; registros, formal e informal; e, modalidades (fala e escrita) que conferem peculiaridades e marcas de expressão próprias dos sujeitos usuários em diferentes situações comunicativas e contextos. É o que veremos a seguir! Contamos com a sua companhia e atenção!

A Língua em Uso

Conceber a língua como heterogênea, social, histórica, cognitiva, indeterminada, variável, interativa e situada é determinar que estamos abordando a língua em uso, em uma situação comunicativa específica, em diferentes contextos (MARCUSCHI, 2008).

É preciso, portanto, considerar os vários aspectos que a constituem no processo, como modalidades, níveis, registros, contemplando também as suas variações e a sua normatização. É o que veremos a seguir!

Para entrar em contato com esse tema, da variação linguística, selecionamos um vídeo em que Marco Luque, repórter do programa CQC, de Marcelo Tas, incorpora o personagem do *motoboy* Jackson Five, num quadro que satiriza os programas eleitorais. Observe o uso que Jackson Five faz da Língua Portuguesa, refletindo sobre as seguintes questões: Você costuma usar alguma expressão utilizada por ele? Você considera que Jackson Five usa um "português errado"?

Vídeo

Assista ao vídeo e, depois, leia o material teórico para continuar a sua reflexão sobre o uso da língua e suas variações.

Níveis e Registros da Língua

Para falar das muitas possibilidades de variação da língua, vale lembrar que "[...] se existem situações sociais diferentes, deve haver padrões de uso da língua diferentes" (ANTUNES, 2007, p. 103). Foi o que vimos ao assistir ao vídeo do *motoboy* Jackson Five, não é mesmo? As variações linguísticas são normais e esperadas no uso da língua e existem "[...] não porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas, mas porque a língua é um ato social, situado num tempo e espaço concretos" (ANTUNES, 2005, p. 104).

Em relação às variações, o uso da língua pode ocorrer em dois níveis: o coloquial e o culto, determinados pela cultura e formação escolar, pelo grupo social a que pertencem os usuários e pela situação concreta em que a língua é utilizada. Além disso, a língua pode ser utilizada em dois registros diferentes: o formal e o informal, que admitem certa escala de graus, indo do mais formal ao mais informal. Um falante adota, portanto, diferentes níveis e registros da língua ao falar ou escrever, dependendo das circunstâncias em que se encontra: conversando com amigos, escrevendo *e-mails* pessoais ou profissionais, expondo um tema histórico na sala de aula ou dialogando com colegas de trabalho.

O nível culto, mais utilizado em ocasiões formais, é também aquele que mais obedece às regras gramaticais. Já o nível coloquial ou popular é utilizado na conversação diária, em situações informais, descontraídas. Há, nesse nível de linguagem, o registro informal da língua, ou seja, uma utilização mais espontânea das formas linguísticas e mais livre em relação às regras da gramática normativa.

Nos diálogos do cotidiano, falados, podemos perceber deslizes de concordâncias, repetições, até jargões e gírias, além de vícios de linguagem. Foi o que vimos no vídeo do *motoboy* Jackson Five, não é mesmo? Algumas **gírias** e expressões podem ser até desconhecidas para alguns falantes da língua.

Glossário

Gíria: consiste em um uso específico da língua; são palavras criadas, inventadas por determinado grupo social com o objetivo de distinguir seus usuários dos demais falantes da língua. As gírias se renovam com o tempo e são determinadas por fatores socioculturais e históricos. Elas renovam a língua e revelam a criatividade dos falantes em seu uso.

Vamos ver, ainda nesta Unidade, outros exemplos de variação linguística, para compreender melhor como ela pode ocorrer na língua em uso e que fatores predispõem a diferentes variações da língua. Em geral, os falantes acreditam que usar a língua no nível culto é de fato a única variação válida, é o ideal, ocorrendo o nível coloquial como uma deturpação desse nível. Muitos falantes creditam apenas àqueles que "não sabem a língua" o nível coloquial, o que acontece em decorrência de sua falta de instrução (PRETI, 2003; ANTUNES, 2007).

Essa não é a perspectiva nem a posição adotada pelos estudos da sociolinguística, que vê na ocorrência de ambos os níveis um natural processo de variação linguística que atende, assim, às mais diversas situações de comunicação na sociedade.

Em rigor, ninguém comete erro em língua. O que normalmente se comete são transgressões às regras gramaticais e inadequações no uso da língua. De fato, aquele que, num momento de conversa descontraída, entre amigos, diz: "Ninguém deixou ele falar", não comete propriamente um erro: na verdade, transgride à determinada regra da gramática normativa.

Reflita

Ressaltamos, então, que quem pratica a língua em nível coloquial não fala de forma errada, apenas fala de acordo com o meio em que vive ou com a situação comunicativa em que se encontra. O importante é usar a língua de forma adequada ao interlocutor, à intenção e aos objetivos do produtor, enfim, ao contexto em que está inserido. Vamos, então, transformar a ideia de certo e errado, quanto ao uso da língua, para adequado e não adequado, concorda?

Assumindo essa prerrogativa, então, afirmamos que o nível da linguagem deve variar de acordo com a situação comunicativa; o **ambiente sociocultural** também pode determinar o nível de linguagem a ser empregado; além disso, o vocabulário, a sintaxe (organização lógica das frases), a pronúncia e até a entoação podem variar segundo o nível empregado. Por isso, um padre não fala com uma criança como se estivesse rezando uma missa, assim como uma criança não fala como um adulto. Um engenheiro não usa o mesmo nível de linguagem quando se dirige a colegas e a funcionários da obra, assim como nenhum professor utiliza o mesmo nível de linguagem quando está com sua família e quando está em sala de aula.

Não defendemos o simplismo de que qualquer forma de falar e de escrever vale à pena e serve para qualquer situação, pois tudo comunica e é o que basta. Nem sempre basta comunicar; ser eficiente no uso da língua vai além de se fazer entender, conforme nos ensina Antunes (2007). Conforme a autora, "[...] para qualquer situação, vale o jeito de falar que é adequado a essa situação." (ANTUNES, 2007, p. 99). Como veremos mais adiante, há fatores sociais, econômicos e regionais que justificam a variação.

Importante

Precisamos estar atentos ao preconceito linguístico e às patrulhas do bem falar (e escrever), pois, como todo preconceito, essa atitude leva à intolerância e à desarmonia na convivência social. Vamos lembrar sempre que o bom uso da língua "[...] é aquele que é adequado às condições de uso" (ANTUNES, 2007, p. 104) e o usuário competente é "[...] aquele que domina o maior número possível dos falares, inclusivamente, aquele falar apropriado às situações mais ligadas à fala e à escrita formais." (ANTUNES, 2007, p. 100).

Enfim, a título de conclusão, trazemos um dizer de Millôr Fernandes, um dos grandes usuários da língua portuguesa: "**Nenhuma língua morreu por falta de gramáticos. Algumas estagnaram por ausência de escritores. Nenhuma sobreviveu sem o povo."** (FERNANDES, 1994, p. 344 *apud* ANTUNES, 2007, p. 89).

Modalidades da Língua: A Fala e a Escrita

A fala e a escrita são modalidades da língua. Segundo Mac-Kay (2000), "[...] na linguagem, as modalidades oral e escrita se completam, guardando, cada uma, suas propriedades. O fato de possuírem formas características não pode nos levar à falsa noção de que são modalidades destituídas de pontos de integração". Marcuschi (2010) concorda com essa afirmação, ressaltando que a relação entre fala e escrita não é dicotômica, nem paralela, mas complementar e que as propriedades que as distinguem são mais da ordem da materialidade fônica (som) e a gráfico-visual. Em todos os casos, trata-se de eventos em que se dá um uso situado da mesma língua.

Sendo assim, não é válido dizer que a fala sempre faz uso da língua no nível coloquial e no registro informal e a escrita opera no nível culto e no registro formal. Vamos ver isso melhor?

Por um lado, é possível observar o uso da língua ao nível coloquial e no registro informal também no texto escrito, tanto na reprodução da fala de alguns personagens na literatura quanto em bilhetes de nosso dia a dia. Além disso, o desenvolvimento de novas Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC), as redes sociais e as novas mídias, aliados aos dispositivos móveis, nos oferecem muitas situações de escrita no nível coloquial quando, por exemplo, publicamos textos no *Facebook*, enviamos mensagens por *WhatsApp* ou publicamos no Instagram e/ou no *Twitter*. Essas novas formas de comunicação aproximaram ainda mais a linha contínua que existe entre as modalidades da fala e da escrita.

Por outro lado, podemos pensar na utilização do nível culto e do registro formal, na fala dos noticiários da TV, nas conferências e mesmo na fala de professores em sala de aula. Nessas práticas comunicativas ocorre uma mescla de fala e da escrita, pois se trata de eventos orais que têm por trás um texto escrito. Além disso, são falas que ocorrem em situações formais de comunicação.

Koch, em seu livro *O texto e a construção de sentidos* (2003), reafirma que os textos podem se apresentar de várias formas, ou seja, ora se aproximando do polo da fala (por exemplo: os bilhetes domésticos, os bilhetes de casais, *e-mails* entre amigos, as piadas), ora se aproximando do polo da escrita (por exemplo: os discursos de posse de cargo, as conferências, as entrevistas especializadas e propostas de produtos de alta tecnologia por vendedores especialmente treinados).

Conforme observa a autora, a fala e a escrita constituem duas possibilidades de uso da língua que utilizam o mesmo sistema linguístico e que, apesar de possuírem características próprias, não devem ser vistas de forma dicotômica, ou seja, totalmente distinta.

Koch (2003) ainda aponta para algumas diferenças que podem ocorrer entre fala e escrita em seu processo de produção e elaboração: a fala não é planejada, é mais fragmentada e incompleta, às vezes, pouco elaborada e possui a predominância de frases curtas e simples; a escrita já é mais planejada, não é fragmentada e apresenta-se mais completa, às vezes mais elaborada e possui a predominância de frases mais complexas, entre outras características.

Fávero, Andrade e Aquino (2002) observam que as gramáticas, ao adotarem como parâmetro a escrita e associarem a fala a um dos seus registros de realização – o informal –, fortalecem o enfoque que polariza as duas modalidades por não incluir a possibilidade da existência de níveis de formalidade.

As autoras sinalizam para o fato de que, "[...] na verdade, tanto a fala como a escrita abarcam um continuum que vai do registro mais informal ao mais formal, passando por graus intermediários". (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2002, p. 273). As autoras afirmam, ainda, que essa variação depende das condições de produção do texto.

Tais condições estão em estreita relação com o contexto, com as condições de interação, com os interlocutores e com o tipo de processamento da informação.

> Assim, na língua falada, há entre falante e ouvinte um intercâmbio direto, o que não ocorre com a língua escrita, na qual a comunicação se faz geralmente na ausência de um dos participantes; na fala, as marcas de planejamento do texto não aparecem, porque a produção e a execução se dão de forma simultânea, por isso o texto oral é pontilhado de pausas, interrupções, retomadas, correções etc.; o que não se observa na escrita, porque o texto se apresenta acabado, tendo existido um tempo para a sua elaboração, revisão e reescrita.

Destacamos, na tabela a seguir, a título de ilustração e orientação, algumas especificidades quanto ao uso da língua em relação às modalidades da fala e da escrita, reafirmando sempre que ambas atuam num contínuo e que não há uma separação, uma fronteira absolutamente clara entre uma e outra.

Tabela 1 – Especificidades quanto ao uso da língua

A Fala
Mais espontaneidade e fluidez.
Sem planejamento; mais direta e econômica.
Apoio da situação física, do contexto, do conhecimento do interlocutor, das expressões faciais, dos gestos, das pausas, das modulações da voz, das referências do ambiente.
Repetição de informações para explicar ou resolver dúvidas do interlocutor.
Uso de frases mais simples e diretas, períodos curtos com orações coordenadas.
Expressão das ideias com mais truncamentos, cortes, repetições, titubeios e problemas de concordância.
Uso de expressões de nível mais informais com mais frequência.
A Escrita
Planejamento cuidadoso do texto para assegurar que o leitor compreenda. Sem o apoio imediato e direto do contexto, ou seja, não é possível resolver dúvidas imediatamente. Sem o auxílio de recursos como gestos, voz, expressões faciais.
Revisão para avaliar o texto e evitar repetições desnecessárias de palavras, truncamentos, problemas de concordância, regência, colocação pronominal, pontuação, ortografia.
Utilização de sintaxe (organização da frase) mais complexa. Observação da exatidão e clareza do pensamento. Orações subordinadas mais frequentes na escrita que na fala.
Utilização de um vocabulário mais exato e preciso, pois temos tempo de procurar a palavra adequada.
Não recomendável o uso de gírias e expressões coloquiais, principalmente a situação comunicativa é formal.

Fonte: Acervo do Conteudista.

Destacamos ainda, como afirma Marcuschi (2010) que, assim como a fala não apresenta propriedades intrínsecas negativas, também a escrita não possui propriedades intrínsecas positivas. Para o autor, seria equivocado pensar em algum tipo de supremacia ou superioridade de uma das modalidades em relação a outra.

Se a escrita é vista como mais prestigiosa do que a fala, não devemos atribuir esse prestígio a algum critério intrínseco ou a parâmetros linguísticos e, sim, a uma postura ideológica e a um valor sociocultural. Vale lembrar, que há culturas em que a fala tem mais prestígio do que a escrita, como na Índia em que a forma oral é sagrada e a escrita não inspira confiança (MARCUSCHI, 2007).

A título de comparação, por um lado, podemos dizer que, em relação ao uso da língua e ao processamento da fala em situações comunicativas face a face, a acentuação (relevo de sílaba ou sílabas), a entoação (melodia da frase), as pausas (intervalos significativos no decorrer do discurso), além da possibilidade de gestos, olhares, piscadas, conferem a essa modalidade um caráter expressivo mais espontâneo, estando ela também mais sujeita a transformações no léxico e a evoluções mais rápidas em suas formas de dizer.

Por outro, a modalidade escrita, quanto ao uso e ao processamento de textos, exige do produtor mais planejamento na elaboração, além de outros recursos para marcar a expressividade, como o uso da pontuação e de diferentes marcas gráficas, como tipos de letras, negritos, itálico, etc. Na escrita, as transformações relativas ao léxico e às formas de dizer se processam de forma lenta e em número consideravelmente menor, quando cotejada com a modalidade da fala.

Em Síntese

Podemos afirmar, respaldados em Marcuschi (2010, p. 37), que "[...] as diferenças entre a fala e a escrita se dão em um contínuo tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica entre dois polos opostos." Partindo da concepção e do funcionamento da língua que apresentamos, as diferenças entre a fala e a escrita podem ser vistas na perspectiva do uso.

Para ilustrar um pouco mais o que afirmamos anteriormente, observe a analogia que o Prof. Evanildo Bechara (2004) faz durante suas palestras. Em casa, geralmente nos vestimos de forma simples, sem usar maquiagem, salto alto ou outros acessórios. Optamos por roupas confortáveis e casuais. No entanto, quando saímos, procuramos

cuidar mais da nossa aparência. Escolhemos roupas melhores, calçamos sapatos novos e penteados o cabelo com mais atenção. E quando vamos a uma festa, nos arrumamos ainda mais. Da mesma forma, devemos adaptar nossa linguagem, tanto na fala quanto na escrita, de acordo com as diferentes situações em que nos encontramos. Quanto mais formal for a situação, mais cuidado devemos ter ao falar ou escrever.

Veja que um dos maiores gramáticos brasileiros da língua portuguesa, reitera, nessa citação, que são as diferentes situações de uso que determinam os registros e o nível de formalidade de que vamos lançar mão, tanto na modalidade da fala quanto da escrita. E lembre-se, na próxima apresentação de seminário ou palestra, de que há situações de fala que exigem o uso da Norma urbana de prestígio, isto é, a Norma Padrão. Vamos estudar esses conceitos na próxima seção. Não perca!

Variações Linguísticas e a Norma Urbana de Prestígio ou Norma Padrão

Para falar de uma língua e de seus usos, precisamos lembrar que toda língua tem uma história. No caso da língua portuguesa que se fala no Brasil, para conhecê-la é preciso recuar quase 500 anos e começar pela chegada dos primeiros colonos portugueses à baía de São Vicente, em 1532, até chegar ao momento atual.

> Não faremos todo esse percurso, pois não é esse o intuito dessa disciplina, mas vale lembrar que, para a formação do português que se fala no Brasil, concorreram as contribuições dos seguintes contingentes humanos: colonos portugueses, indígenas, africanos, imigrantes europeus e asiáticos. Todas essas influências contribuíram para uma natural diversidade da língua que utilizamos atualmente.

Além disso, nenhuma língua é homogênea e, em seu uso, denota características que estão relacionadas a diversos fatores como espaço geográfico, condições socioculturais (nível de escolarização, idade, atuação profissional) entre outros.

Sendo assim, encontramos, no uso da língua portuguesa que se fala no Brasil, uma gama de variações de uma mesma língua, variações influenciadas pela extensão geográfica do Brasil; pelas diferentes culturas regionais; pela diversidade de colonização; pela acentuada diferença socioeconômica; entre outros. Vamos conhecer algumas delas?

Basta conversar um pouco com algumas pessoas que começamos a perceber uma diferença em seus falares. Erres mais puxados, o som do "s" que parece um "x", uma entonação e um ritmo diferente no encadeamento das frases, concorda? Não demora e já estamos perguntando: "Você é daqui mesmo? De que lugar do Brasil você vem?" Essa é a variação que denominamos de regional.

A **variação regional** é determinada pela localização dos falantes de um certo espaço geográfico, onde moram, onde nasceram. É possível fazer a relação entre a região de origem de um falante e marcas específicas que utiliza quando se expressa na língua. No Brasil, reconhecemos facilmente se estamos falando com um mineiro, um carioca, um nordestino pela pronúncia que faz de alguns sons da língua, pela entonação que dá às frases, pelo vocabulário que usa, pela sintaxe que emprega na construção das frases. Os falares regionais brasileiros são riquíssimos em suas diferenças, não é mesmo?

Vídeo

Às vezes a diferença linguística é tão grande que as variações regionais parecem ser uma outra língua! Assista a um vídeo para ouvir algumas delas.

Mas os diferentes falares da língua portuguesa no Brasil não são determinados apenas pelas diferenças geográficas. É importante: quando estamos nos referindo a falares, não se trata apenas da modalidade oral, a fala. As variações ocorrem também na escrita, fique atento! Mas como íamos dizendo, mesmo em uma só região vamos encontrar diversidade no uso da língua por grupos de falantes que procedem de diferentes segmentos da sociedade.

Como no Brasil as classes sociais menos favorecidas têm pouco acesso à escolarização, veremos que há um outro tipo de variação: a Social. A variação social é estabelecida por dois grupos distintos: falantes mais escolarizados e falantes menos escolarizados. Esse segundo grupo, em geral, é aquele que mais transgride as regras da gramática normativa, mas isso não é determinante.

Dependendo da situação de comunicação ou da importância que o locutor atribui ao uso da língua, ou a qualidade da sua formação, mesmo os mais escolarizados fazem as suas transgressões! O importante é que esse fato não motive preconceito linguístico. Afinal, quem nunca...? Não é mesmo?

E algumas vezes, transgredir as regras da gramática normativa pode ser um recurso literário, voluntário ou não. Observe no poema a seguir, de Patativa do Assaré – poeta popular nordestino –, as marcas de variação regional e social, e veja como elas podem se transformar em poesia:

O Poeta da Roça

Sou fio das mata, canto da mão grossa,
Trabáio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de paia de mío.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argun menestré, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.
Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! Vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastero, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.
[...]

Patativa do Assaré

Você acredita que a forma de falar e de escrever comprometeu a emoção transmitida por esse poema?

Patativa do Assaré era analfabeto (sua filha é quem escrevia o que ele ditava), mas sua obra atravessou o oceano e se tornou conhecida mesmo na Europa. Observe que nesse poema podemos falar em marcas de variação regional no uso de algumas palavras típicas da região nordestina (chupana, tapada de barro, cobre, menestré, pachola, paioça) e outras que revelam a variação social (todas as transgressões de concordância nominal – sou fio das mata, nas pobre paioça –; e ortográficas e fonéticas – fio, argun, assiná , estudá, rastero, veve etc.).

Reflita

Em alguns casos temos até dificuldade em entender a língua portuguesa, mesmo escrita, não é? Essa é uma qualidade da língua, quando a entendemos em seus usos e sua potencialidade criativa, sem preconceitos!

Além desses fatores, podemos observar que o uso da língua também varia de pessoa para pessoa e até varia na fala de uma mesma pessoa. Não falamos com um amigo da mesma forma que falamos com nosso chefe no trabalho. Não é só uma diferença de assunto, é também na forma com que construímos as frases, as escolhas de palavras, a observação e cuidado com as regras gramaticais. Esse é outro tipo de variação a que denominamos variação situacional, pois depende da situação de comunicação e de todos os elementos que a compõem: contexto mais formal ou informal, interlocutor conhecido, íntimo, hierarquicamente posicionado, das intenções de comunicação (contrapor-se, agradecer, dar ordens, aconselhar etc.), entre outros.

Vídeo

Observe no link a seguir como alguns adolescentes, em uma gravação bem simples no *YouTube* ilustram cenas de variação situacional, ou seja, em que alguns interlocutores observam a adequação no uso da linguagem em situações mais formais e outros não; ou ainda, não observam a adequação ao usar a linguagem para falar com um bebê, por exemplo. Vai ficar fácil de entender

Isso mostra como é importante adequar o uso da língua às práticas sociais diferentes, concorda?

Todas essas variações comprovam que o uso da língua portuguesa no Brasil é diverso e de uma riqueza muito grande. No entanto, além dessas variações, temos um uso que segue mais as normas da gramática, que teima em ser reconhecido como o uso mais correto da língua, a que nomeamos **"Norma urbana de prestígio"** ou **"norma padrão"**.

> Os princípios que regulam as propriedades dessa variação extrapolam critérios puramente linguísticos. Na maioria das vezes, o que a determina se relaciona à classe social de prestígio e ao grau relativamente alto de educação formal dos falantes. As outras variações, geralmente, desviam desses parâmetros.

Assim, a Norma urbana de prestígio ou Norma padrão, está associada ao nível culto da língua. De acordo com Irandé Antunes (2007), essa Norma é um projeto da sociedade letrada que busca assegurar uma certa homogeneidade linguística à comunidade nacional. Essa homogeneidade implica no desenvolvimento de uma língua comum, padronizada, enfatizando aspectos gerais em detrimento de peculiaridades regionais, locais ou setoriais. Percebe-se, portanto, que a ideia subjacente ao conceito de norma urbana de prestígio é a unificação linguística, na tentativa de facilitar a interação pública, neutralizando certos usos.

Em Faraco (2002 *apud* BAGNO, 2002, p. 40), encontramos a seguinte definição de norma urbana de prestígio: "Norma linguística praticada em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade) por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial aquela legitimada pelos grupos que controlam o poder social."

A norma urbana de prestígio é, pois, aquela que segue as regras da gramática normativa, ou seja, a gramática que tem como função não só descrever a língua e seus fatos, mas sobretudo de prescrever o que se deve usar e o que não se deve usar na língua.

Sendo assim, em sua concepção, retomam-se os parâmetros definidos por uma classe social de prestígio e por certos órgãos oficiais que sistematizam o que se costuma chamar de "o melhor uso da língua", e tudo o que foge a esse padrão é inferiorizado, desprestigiado e faz parte das variações não padrão (aquelas que vimos um pouco antes no texto), que estão associadas ao nível coloquial ou popular da língua. Daí, decorre a ideia do falar certo e falar errado que circula socialmente e costuma ser tão bem aceita, não é?

Importante

No entanto, vale ressaltar que é exatamente esse nível, o coloquial e popular, que assimila as mudanças provocadas pelo próprio fluxo natural da língua, ao incorporar novos usos, mas que são vistas como decadência, degeneração ou "erros". Segundo Irandé Antunes (2007), o problema é que o movimento da língua ficou inexoravelmente destinado a ser do melhor para o pior.

Para a autora, no entanto, toda mudança na língua tem sua lógica e sua motivação, o que possibilita que um padrão possa ser substituído por outros. É o que o texto do Millôr, que vimos anteriormente nesta Unidade, dizia: nenhuma língua sobreviveu sem o povo.

Precisamos pensar, entretanto, conforme pondera Preti (2003), que a noção de norma urbana de prestígio serve diretamente às intenções do ensino, no sentido de padronização da língua, criando condições ideais de comunicação entre as várias áreas geográficas e também propiciando aos estudantes as condições para a leitura e compreensão dos textos literários e científicos, que se expressam nessa variação.

Vale lembrar, ainda, que é a norma urbana de prestígio a variação adotada pelos meios de comunicação (emissoras de rádio e televisão, jornais, revistas, *internet* etc.), o que permite a divulgação dos mesmos textos e informações para todos os brasileiros. Só é preciso ficar atento para que essa padronização no uso da língua não sirva a discriminações, os preconceitos linguísticos e à supremacia de uma só classe social.

Dominar a norma urbana de prestígio é essencial para que possamos nos desenvolver e ter mais desenvoltura nos meios acadêmicos e profissionais. Por isso, aproveite a disciplina para ampliar e atualizar seus conhecimentos da língua portuguesa, sobretudo, os relativos à norma urbana de prestígio!

Em Síntese

Este estudo sobre as variações linguísticas não pretende que você apenas saiba identificá-las, avaliar sua adequação à situação comunicativa e ao contexto, mas também que, ao compreendê-las, você possa posicionar-se frente a todo e qualquer preconceito linguístico.

Além disso, é preciso ter em mente que, **em seus textos acadêmicos**, em suas redações para concursos, **em textos e relatórios que colocar em circulação no âmbito profissiona**l, é a norma urbana de prestígio que precisa prevalecer. Em **textos escritos, em apresentações orais no âmbito acadêmico e profissional**, portanto, é necessário evitar gírias, regionalismos, repetições desnecessárias, cacoetes, abreviações, clichês e todos os elementos típicos do uso da língua ao nível coloquial.

Quando fazemos essas observações, estamos falando no uso situado da língua. Estamos admitindo que nos comunicamos por meio de textos. Essas ideias nos remetem a nossos próximos temas e concepções: o texto e o contexto.

Texto e Contexto: O Uso Situado da Língua

Agora que nos apropriamos da noção de língua e de suas variações, vale lembrar que estamos sempre interagindo socialmente por meio de textos, que pertencem a determinados gêneros, em situações comunicativas específicas, que ocorrem em diferentes contextos. Ficou difícil de entender? Tranquilize-se! Esses são os conceitos que abordaremos nas próximas seções. Vamos lá?

Concepção de Texto

Para apresentar a concepção de texto, partimos da ideia essencial que "[...] ninguém interage verbalmente a não ser por meio de textos" (ANTUNES, 2005, p. 40). Mas... o que vem a ser essa entidade, "o texto"? É o que pretendemos responder nessa seção, já ressaltando que esse é um conceito bastante complexo, pois o texto é objeto de pesquisa das ciências da linguagem há muitas décadas, e sua concepção se transformou e se transforma a partir da perspectiva teórica pela qual o abordamos.

> Nessa disciplina, tomaremos o texto como "[...] um evento comunicativo para o qual convergem ações linguísticas, culturais, sociais e cognitivas." (BEAUGRANDE, 1997, p. 10). Veja que, por essa definição, ficou distante a ideia de texto apenas como uma sequência de frases, organizadas em períodos e agrupadas em parágrafos, não é mesmo?

Da forma como concebemos o texto, nele estão imbricados aspectos que não são apenas linguísticos, embora esses últimos também sejam elementos que constituem os textos, responsáveis por sua materialidade. Além disso, essa concepção aponta para o caráter dinâmico do texto, em que o entendemos como um processo, do qual participam o produtor e o leitor, e não mais um produto acabado, que depende apenas de ser produzido e colocado para recepção de um interlocutor.

Dessa perspectiva, podemos admitir, então, que "[...] um conjunto aleatório de palavras ou de frases não constitui um texto." (ANTUNES, 2010, p. 30). Todo usuário da língua tem esse discernimento, mesmo que intuitivamente, pois como nos afirma Antunes (2010, p. 30), "[...] não é muito difícil não tê-lo, até porque não andamos por aí esbarrando em 'não textos'.". Vale lembrar, ainda, que em todas as situações comunicativas, o que falamos e o que escrevemos, mesmo que não seja totalmente adequado para os padrões mais formais, são textos.

Precisamos, então, delimitar alguns aspectos imprescindíveis para que possamos nos apropriar, efetivamente, da concepção de texto que apresentamos aqui. Em primeiro lugar, recorremos a um texto quando queremos nos comunicar e buscamos expressar esse desejo de comunicação. Assim, todo texto tem uma intenção, um ou mais objetivos, que precisam ser identificados pelo interlocutor para que a nossa atuação comunicativa seja bem-sucedida.

Importante

Desse primeiro aspecto decorre um segundo bem importante, o fato de o texto, como atividade comunicativa, envolver sempre um outro, isto é, o interlocutor, que podemos chamar também de leitor ou ouvinte, caso seja um texto produzido na fala ou na escrita.

Além desses dois primeiros, o terceiro aspecto relevante para a noção de texto que apresentamos é que todo texto "[...] é caracterizado por uma orientação temática; quer dizer, o texto se constrói a partir de um tema [...], de uma ideia central, que lhe dá continuidade e unidade." (ANTUNES, 2010, p. 32).

Vamos entender melhor esses três aspectos essenciais para nos apropriarmos da noção de texto? Observe o trecho a seguir:

> **Religiosidade** Monstro planos sexo cantor pela denúncia paguei fazer sobre pretendem enfermeira menino milhões presente viva-voz telefone estar risco com mercado o.
>
> Computador completo ficar frontal você veloz se para esperar doméstico brincando mamífero moda.
>
> Relógios cartas sobre expectativa inteiro promoção empregadas sabatina campanha novo queijo compra Brasil meninos (ANTUNES, 2010, p. 32).

Então? Deu para perceber nesse trecho uma intenção comunicativa do produtor? É possível perceber nele uma função comunicativa, um tema sobre o qual ele se constrói? Podemos dizer que esse apanhando de palavras, que parece um texto, possui uma continuidade e constitui uma unidade? Claro que não, concorda? Esbarramos aqui, pois, com um não-texto.

Mas, nos resta então saber quais são os critérios que nos permitem reconhecer um texto. Na literatura linguística, Beaugrande (1997) apresenta sete princípios de textualidade que orientam nossa análise para identificar uma sequência de palavras como texto ou não, além de eles servirem como parâmetros para nos certificar, como produtores, se estamos elaborando algo que será identificado como um texto e que tem chances de ser bem-sucedido em seu propósito comunicativo.

Os sete princípios são: **a coesão, a coerência, a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a intertextualidade, a situacionalidade**. Não nos deteremos muito nesses princípios, pois não é esse o objetivo desta Unidade.

Vale saber, entretanto, que os princípios da coesão e da coerência, que dizem respeito à continuidade e à unidade temática no texto, serão trabalhadas especificamente em outra Unidade. Quanto aos outros, apresentamos, a seguir, uma breve definição:

Intencionalidade e a aceitabilidade

Remetem para a disponibilidade de cooperação dos interlocutores envolvidos na interação verbal: o produtor, de dizer somente o que tem sentido; e o ouvinte ou leitor, de fazer o esforço necessário para processar os sentidos e as intenções expressas pelo produtor.

Situacionalidade

É uma condição para que o texto aconteça, pois todo texto ocorre em uma determinada situação comunicativa. Nenhum texto ocorre no vazio, mas em um determinado contexto sociocultural. Se pensarmos em uma palestra, ela faz parte de uma programação de um evento e será determinada por ela em seus detalhes: tema, duração, público a quem se dirige, etc.

Informatividade

Diz respeito ao grau de novidade e de imprevisibilidade que o texto traz numa dada situação comunicativa ou contexto. Tanto uma como outra podem estar relacionadas à forma ou ao conteúdo do texto, por exemplo: se na época de natal uma empresa divulga seus produtos em anúncio de revista que se apresenta como cartas ao Papai Noel, escritas por produtores de diferentes estilos e idades, há um grau de novidade quanto à forma, pois não é esperado que o texto de uma propaganda venha na forma de uma carta, e ainda mais dirigida ao Papai Noel! Podemos dizer, então, que o texto possui um alto grau de informatividade, pois traz novidade e imprevisibilidade quanto à forma e ao conteúdo. Ficou mais fácil de entender esse princípio? Em geral, encontramos em textos criativos e surpreendentes um alto grau de informatividade!

Intertextualidade

Diz respeito à inserção, em um determinado texto, de outro(s) texto(s) já existente(s), já em circulação. Fazemos isso diretamente em citações teóricas, por exemplo, em monografias, textos didáticos ou dissertações.

Também podemos fazê-lo de maneira mais indireta quando inserimos em um texto, um trecho, uma frase que remete a outro texto. Observe:

> Queridíssima, Há muito tempo que não te escrevo. Notícias, poucas. **Aqui na terra estão jogando futebol**. O seu Corinthians, olha, nem te conto. [...]. (ÂNGELO, 2016, *on-line*, grifo nosso).

O trecho apresentado faz parte de uma crônica do escritor Ivan Ângelo na revista Veja. A frase destacada foi retirada da letra de uma canção de Chico Buarque de Holanda e Francis Hime, “Meu Caro Amigo”, observe:

> Meu caro amigo me perdoe, por favor
> Se eu não lhe faço uma visita
> Mas como agora apareceu um portador
> Mando notícias nessa fita
> **Aqui na terra 'tão jogando futebol**
>
> Tem muito samba, muito choro e rock'n' roll
> Uns dias chove, noutros dias bate sol
> Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta [...]
>
> **Francis Hime e Chico Buarque. Meu Caro Amigo. Rio de Janeiro, 1976.**

Sempre que lançamos mão do princípio da intertextualidade, como produtor, temos uma intenção, um objetivo. Nesse caso, Chico Buarque e Francis Hime criaram uma carta em forma de canção, durante a ditadura militar, para dar notícias do Brasil para quem estava exilado.

> E a frase "aqui na terra tão jogando futebol" é colocada no texto de forma irônica, pois ele fala de uma série de coisas normais (chuva, samba) e depois conclui que "a coisa aqui tá preta". Ou seja, embora pareça, nada aqui anda bem.

Na crônica, o autor, Ivan Ângelo (2016), utiliza a mesma frase com a mesma intenção, em um mesmo contexto. No caso, ele escreve uma crônica em forma de carta, assim como os compositores fizeram uma música em forma de carta. Além disso, Ivan Ângelo, logo após inseri-la em seu texto, vai falar do time da amiga ("Corinthians") que não anda bem e, na sequência da crônica, também mostra que não é só o futebol que não está dando certo no Brasil. Ao fazer um texto remeter a outro, estamos muitas vezes reforçando os nossos objetivos com aquele texto, de forma que o nosso leitor possa percebê-los com mais facilidade.

Para isso preciso contar com os conhecimentos do meu interlocutor, não é mesmo? É necessário, ainda, que o leitor da revista conheça a música de Chico Buarque para atribuir sentidos à crônica e perceber os objetivos do autor. Esses princípios nos remetem, então, à importância de estarmos sempre atentos à relação entre os parceiros da interação verbal, produtor/locutor e leitor/ouvinte, ou seja, os interlocutores da atividade comunicativa.

Afinal, a interação verbal é a realidade fundamental da língua. Isto quer dizer que, a produção de sentidos nos textos não ocorre dentro da mente de cada interlocutor, mas numa atividade conjunta entre eles, que surge na interação.

Toda interação verbal pressupõe comunicação, conversação e troca de informações. Mas isso não ocorre apenas em práticas comunicativas on-line ou face a face, mas também nas produções escritas. Nesse último caso, na escrita, para a interação ocorrer de maneira bem-sucedida, é preciso levantar hipóteses sobre os interlocutores envolvidos, tanto para a produção quanto para a leitura, organizar o texto, pensar bem nas escolhas das palavras, enfim, é preciso planejar e se antecipar.

Importante

Vale destacar, portanto, que a interação é o lugar e o modo de funcionamento da linguagem em relação à maneira como o sentido é construído na atividade textual.

Essa noção de interação verbal nos leva a perceber que tanto produtor quanto leitor são sujeitos do fazer textual. Esse fato torna-os sujeitos complexos, determinados e mobilizados do ponto de vista sociocultural para atuar por meio da linguagem. Podemos definir esses interlocutores, pois, como atores sociais. Assim como as práticas comunicativas são situadas, isto é, estão relacionadas a um determinado contexto, produtor e leitor trazem para a interação verbal suas experiências, vivências, conhecimentos, crenças e valores. Não produzimos textos, não lemos textos e não falamos de maneira isenta. Sempre trazemos para a interação verbal quem somos, o que sabemos, como vivemos. Por isso, dizemos que os processos de leitura e de escrita não dependem apenas do domínio das palavras, do material linguístico.

Vamos ver como isso ocorre analisando um pequeno texto? Acompanhe o texto a seguir com atenção!

Circuito Fechado

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, telefone, agenda, copo com lápis, caneta, blocos de notas, espátula, pastas, caixa de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo. Xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro. **RAMOS, 1978, p. 21-22**

O texto de Ricardo Ramos é uma crônica, texto que tem o objetivo de relatar um fato, contar uma história e também de fazer uma reflexão sobre aquilo que relata ou conta. Nesse caso, o autor faz isso usando apenas substantivos e a pontuação. Esse fato mostra um alto grau de informatividade, pela novidade e imprevisibilidade que traz. Em geral, usam-se verbos, adjetivos, advérbios, enfim, frases completas, para elaborar um relato e contar uma história.

Importante

Além disso, podemos perceber os princípios de intencionalidade e aceitabilidade: o autor ao selecionar apenas substantivos tem a intenção de surpreender o seu leitor e chamar atenção para o que diz; ao mesmo tempo em que espera que seu interlocutor compreenda o seu objetivo e utilize seus conhecimentos para isso.

Em relação à situacionalidade, podemos pensar que por se tratar de um texto como a crônica, que circula no âmbito literário, o autor pôde lançar mão dessa estratégia e surpreender o seu leitor, pois isso é admissível no âmbito da literatura. O mesmo não ocorreria se estivéssemos no âmbito profissional, por exemplo, em que não se admite tal quebra de expectativas. **Os gêneros profissionais admitem poucas mudanças.**

Quanto à coesão e à coerência, observe que embora não haja frases completas, conjunções que ligam orações nem mesmo marcadores temporais que mostrem que as ações acontecem num tempo cronológico, a própria seleção de palavras, que remete a diferentes momentos do cotidiano de um personagem, realiza esse encadeamento de ações e compõe uma unidade no texto.

Ao fim da leitura, podemos compreender que se trata do relato de um dia da vida de um profissional, que trabalha na área de publicidade/propaganda, um fumante, solitário, cujo objetivo na vida é levantar, trabalhar e retornar para a sua casa, o que leva a uma reflexão sobre o sentido da vida. Concorda? Podemos, com nossos conhecimentos e analisando detidamente as palavras, chegar a mais detalhes e encontrar outros sentidos para esse texto, pois esse é um bom exemplo de como o produtor e leitor participam ativamente da produção de sentidos em um texto, e como não utilizamos apenas as palavras na interação verbal.

Leitura

Gostou? Então veja como estudantes criaram novos textos, baseados em outras situações. Explore seguindo o modelo do escritor Ricardo Ramos.

Contexto

A partir da noção que estabelecemos de texto, em que estão imbricados aspectos culturais, sociais e cognitivos, podemos compreender melhor a noção de contexto e sua importância para a produção de sentidos.

Se, como vimos, o sentido não está somente nas palavras, mas é construído na interação entre locutor-texto-interlocutor, então, estamos dizendo que em toda a situação de interação os sujeitos orientam as suas ações (linguísticas e não linguísticas) considerando o contexto.

Reflita

Vejamos alguns exemplos: quando fazemos uma visita a um professor, não agimos da mesma maneira quando visitamos amigos e parentes; ou uma mensagem no *WhatsApp* que enviamos para o namorado é bem diferente daquela que escrevemos para um chefe ou outra pessoa do trabalho, concorda?

Podemos dizer, então, que, em toda situação de interação, temos de considerar os interlocutores, os conhecimentos que compartilhamos, o propósito da comunicação, o lugar e o tempo em que nos encontramos, os papéis sociais que assumimos e os aspectos históricos e culturais que estão aí implicados.

Em Síntese

A noção de contexto engloba:

- As situações comunicativas, o tempo e o lugar;
- As determinações e condições socioculturais e históricas;
- As representações sociais compartilhadas (conhecimentos prévios e vivências dos interlocutores);
- As relações dos participantes (médico/paciente; patrão/empregado);
- Os objetivos/propósitos comunicativos (transferir ou buscar conhecimentos; provocar o riso; aconselhar; orientar).

O contexto é, enfim, tudo aquilo que de alguma forma contribui para/ou determina a construção do sentido (KOCH; ELIAS, 2006). É importante perceber que o contexto não é apenas o entorno, o que está em volta do texto, mas todos os elementos, internos e externos ao texto em si, que contribuem para a realização desse evento comunicativo.

Seguindo adiante na apresentação dos conceitos que estão presentes nas diferentes Unidades desta disciplina, veremos que, ao interagir verbalmente por meio de textos, estamos, na verdade, nos referindo aos gêneros textuais que circulam socialmente. Vamos entender melhor isso? Acompanhe a próxima seção!

Os Gêneros e as Esferas de Atividade

Toda vez que nos referimos às nossas interações verbais, na fala ou na escrita, damos um nome a elas. Observe em nossos diálogos cotidianos que não dizemos: "hoje recebi um texto"; ou então, "vou assistir a um texto do professor Gilberto nesse congresso", não é mesmo? Normalmente, vamos falar assim: "hoje recebi um *e-mail* do escritório"; ou então, "vou assistir a uma palestra do Professor Gilberto nesse congresso", certo?

Sendo assim, formamos intuitivamente a noção de gêneros, que nada mais são do que os textos materializados com que nos deparamos no nosso dia a dia. Palestra, *e-mail*, carta, horóscopo, monografia, artigo científico, entrevista, notícias, reportagem, editorial, conto, romance, receita culinária, manual de instrução, bula de remédio, conferência, videoaula, etc., são exemplos de gêneros com os quais lidamos de maneira mais ou menos cotidiana.

A lista dos gêneros que circulam socialmente é muito extensa e não caberia aqui tentar apresentá-la integralmente. O importante é apreender que esse conceito está diretamente relacionado às esferas de atividade humana, ou seja, esferas de comunicação verbal, como a jurídica, jornalística, religiosa, acadêmica, profissional, entre tantas outras.

Essas esferas de atividade são regidas por leis próprias, as quais determinam a posição, os poderes, os deveres, os valores dos indivíduos que nelas atuam. Em todos os campos de atuação humana, encontremos gêneros específicos que correspondem às práticas sociais comunicativas que lhes são próprias, por exemplo: na esfera de atividade jornalística, vamos encontrar gêneros como a notícia, a reportagem, o editorial, a carta do leitor, a entrevista etc.; já na esfera acadêmica encontramos a monografia, a dissertação, o artigo científico, o resumo, a resenha, entre outros. Ficou mais clara essa relação entre gêneros e esfera de atividade?

Vamos, então, completar a noção intuitiva que temos de gêneros: são textos materializados que encontramos em nossa vida diária, que estão relacionados a determinadas esferas de atividade, "[...] que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição específicos" (MARCUSCHI, 2010, p. 25).

Veja, a seguir, em um exemplo, como podemos identificar essas características sociocomunicativas em um gênero específico:

> Um advogado e sua sogra estão em um edifício em chamas. Você só tem tempo para salvar um dos dois. O que você faz? Você vai almoçar ou vai ao cinema?

O gênero em questão é uma piada, que circula em uma esfera de atividade pessoal, pública ou privada, ou seja, a piada ocorre em ambientes em que estamos em um círculo de amigos ou de colegas de trabalho, ou nas redes sociais, etc.

Este gênero, como todos os outros, apresenta algumas características sociocomunicativas pelas quais pode ser identificado: tem como função (propriedades funcionais) provocar o riso; é um texto para divertir; sua temática traz dois elementos bastante presentes e comuns ao gênero: a sogra e os advogados, os quais, em geral, como tipos sociais, desagradam às pessoas; o estilo e a composição são bem específicos e identificáveis: texto curto, uma narrativa, que apresenta uma situação problema e que surpreende na solução, sempre com a intenção de fazer graça.

Além disso, a linguagem em geral é utilizada em nível coloquial e em forma de diálogos ou perguntas que se dirigem diretamente ao interlocutor. Ficou mais fácil compreender esse conceito e suas propriedades?

Muitas são as linhas teóricas e os autores que se dedicam a estudar os gêneros, pois esse é um rico conceito da linguística, que pode nos falar "[...] da mente, da sociedade, da linguagem e da cultura", conforme atesta Bazerman (2006, p. 9). De acordo com esse autor, "o gênero dá forma às nossas ações e intenções", por isso sempre que vamos interagir verbalmente, precisamos escolher o gênero adequado à determinada prática social e esfera de atividade. Essa escolha é uma decisão estratégica que deve considerar os objetivos, o lugar social dos participantes, a situação comunicativa, a composição e o estilo do texto.

Ao interagir verbalmente, na fala e na escrita, é importante estarmos atentos a alguns pontos em nossa vida acadêmica e profissional. Aprender sobre gêneros nos ajudará a lidar com os textos que encontramos nas diversas áreas em que nos envolvemos por meio da linguagem. É essencial lembrar que dominar um gênero não se resume apenas a dominar sua forma linguística, mas também a utilizar a linguagem de maneira adequada para alcançar objetivos específicos em situações sociais específicas. (MARCUSCHI, 2010).

Acreditamos que, nesta Unidade, ampliamos nosso olhar sobre a língua que usamos e sobre as atividades de linguagem relativas aos processos de leitura e de escrita que teremos como desafio tanto na formação acadêmica quanto na vida profissional. Relembramos que você deve elaborar uma ficha de estudos que contemple as noções aqui apresentadas, que com certeza vai auxiliá-lo(a) no acompanhamento da disciplina.

Como dissemos no início, vamos sempre contemplar no material teórico um conteúdo gramatical. Nesta unidade, apresentamos o Novo Acordo Ortográfico. Você está a par das mudanças que esse Acordo propõe? Na seção seguinte, informe-se sobre o que muda e o que permanece no uso da língua em relação à sua ortografia a partir desse Acordo. Bom trabalho!

O Novo Acordo Ortográfico

Como visamos nesta disciplina ampliar os conhecimentos gramaticais que a norma urbana de prestígio segue e exige, destacamos o Novo Acordo Ortográfico, vigente desde o ano de 2009, para os países lusófonos. No Brasil, sua implementação obrigatória ocorreu a partir de 2012. Acompanhe um pouco da história desse Acordo, a seguir.

Após muita polêmica entre os países lusófonos – atualmente representados por Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Timor-Leste e Guiné Equatorial –, o Congresso Nacional, o Ministério da Educação do Brasil e o meio acadêmico, o Novo Acordo Ortográfico foi implantado.

Nessa trajetória, as maiores resistências ao acordo vieram de Portugal, justamente o país que teve mudanças mais significativas. Os portugueses só ratificaram o acordo em maio de 2008.

As primeiras tentativas de unificação ortográfica aconteceram no início do século XX. No Brasil, já houve duas reformas ortográficas: em 1943 e em 1971. Ou seja, um brasileiro com mais de 65 anos está vivenciando a terceira grande mudança em relação à ortografia de sua língua.

Leitura

Há muita gente que rechaçou a unificação, dizendo que havia coisas mais importantes a fazer em relação à língua portuguesa. Quem defendeu, argumentou, por exemplo, que o português está entre as línguas mais faladas no mundo, sendo a única que ainda não estava unificada. Para entender melhor os prós e os contras, leia a reportagem com o professor Evanildo Bechara.

A seguir, apresentamos uma síntese das principais mudanças que o Novo Acordo Ortográfico propõe. Leia com atenção para que possa aplicar essas mudanças na produção escrita em suas esferas de atividades acadêmica e profissional.

Saiba o que Muda com o Novo Acordo Ortográfico

Alfabeto

Ganha três letras.

- **Antes:** 23 letras;
- **Depois**: 26 letras, entram k, w e y

Trema

Desaparece em todas as palavras.

- **Antes:** freqüente, lingüiça, aguentar;
- **Depois:** frequente, linguiça, aguentar. Observação: Fica o acento em nomes como Müller.

Acentuação 1

Some o acento dos ditongos abertos éi e ói das palavras paroxítonas (as que têm a penúltima sílaba mais forte).

- **Antes:** européia, idéia, heróico, apóio, bóia, asteróide, Coréia, estréia, jóia, platéia, paranóia, jibóia, assembléia;
- **Depois:** europeia, ideia, heroico, apoio, boia, asteroide, Coreia, estreia, joia, plateia, paranoia, jiboia, assembleia. Observação: Herói, papéis, troféu mantêm o acento (porque têm a última sílaba mais forte).

Acentuação 2

Some o acento no i e no u fortes, depois de ditongos (junção de duas vogais), em palavras paroxítonas.

- **Antes:** baiúca, bocaiúva, feiúra;
- **Depois:** baiuca, bocaiuva, feiura. Observação: Se o i e o u estiverem na última sílaba, o acento continua como em: tuiuiú ou Piauí.

Acentuação 3

Some o acento circunflexo das palavras terminadas em êem e ôo (ou ôos.).

- **Antes:** crêem, dêem, lêem, vêem, prevêem, vôo, enjôos;
- **Depois:** creem, deem, leem, veem, preveem, voo, enjoos.

Acentuação 4

Some o acento diferencial.

- **Antes:** pára, péla, pêlo, pólo, pêra, côa;
- **Depois:** para, pela, pelo, polo, pera, coa. Observação: Não some o acento diferencial em pôr (verbo) / por (preposição) e pôde (pretérito) / pode (presente). Fôrma, para diferenciar de forma, pode receber acento circunflexo.

Acentuação 5

Some o acento agudo no u forte nos grupos gue, gui, de verbos como averiguar, apaziguar, arguir, redarguir, enxaguar.

- **Antes:** averigúe, apazigúe, ele argúi, enxagúe você;
- **Depois:** averigue, apazigue, ele argui, enxague você. Observação: as demais regras de acentuação permanecem as mesmas.

Hífen

Veja como ficam as principais regras do hífen com prefixos

Tabela 2 – Prefixos e hífen

Prefixos	Usa-se hífen	Não se usa hífen
Agro, ante, anti, arqui, auto, contra, extra, infra, intra, macro, mega, micro, maxi, mini, semi, sobre, supra, tele, ultra...	Quando a palavra seguinte começa com h ou com vogal igual à última do prefixo: auto-hipnose, auto-observação, anti-higiênico anti-herói, anti-imperialista, micro-ondas, mini-hotel	Em todos os demais casos: autorretrato, autossustentável, autoanálise, autocontrole, antirracista, antissocial, antivírus, minidicionário, minissaia, minirreforma, ultrassom
Hiper, inter, super	Quando a palavra seguinte começa com h ou com r: super-homem, inter-regional	Em todos os demais casos: hiperinflação, hipermercado, supersônico
Sub	Quando a palavra seguinte começa com b, h ou r: sub-base, sub-reino, sub-humano	Em todos os demais casos: subsecretário, subeditor
Vice	Sempre: vice-rei, vice-presidente	
Pan, circum	Quando a palavra seguinte começa com h, m, n ou vogais: pan-americano, circum-hospitalar	Em todos os demais casos: pansexual, circuncisão

Fonte: Adaptada de Manual de Comunicação da Secom

Para pesquisar e aprofundar seus estudos sobre o Novo Acordo Ortográfico, encontram-se disponíveis para consulta valiosas informações sobre as alterações resultantes deste acordo ortográfico entre os países lusófonos. Seguem indicações de links para acesso e consulta:

Sites

Para o uso correto do hífen, leia o texto disponível no primeiro *QR Code*.

E para consultas rápidas, para que você não erre em relação às mudanças do Novo Acordo Ortográfico, consulte sempre o VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras, no segundo *QR Code*.

Como Usar o Hífen com Prefixos?

VOLP

Atividades de Fixação

1 – Qual das seguintes afirmações sobre fala e escrita está correta?

a. A fala é sempre mais formal do que a escrita.
b. A escrita é usada principalmente em comunicações informais.
c. A fala pode ser mais eficaz para transmitir informações complexas.
d. A escrita é menos suscetível a mal-entendidos do que a fala.
e. A fala não utiliza a gramática da mesma forma que a escrita.

2 – Qual das seguintes palavras está de acordo com as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa em relação ao uso do hífen?

a. Antissocial
b. Extraescolar
c. Autoestrada
d. Inter-regional
e. Microônibus

Atenção, estudante! Veja o gabarito desta atividade de fixação no fim deste conteúdo.

Material Complementar

Livro

Guia Prático da Nova Ortografia
Nos jornais, revistas, livros, escolas e repartições, o novo acordo ortográfico já é uma realidade. Embora implantado em 2009, as regras ainda causam confusão na hora de redigir cartas, documentos e outros textos. Afinal, como se escreve "micro-ondas"? "Mão de obra" não tem hífen, mas "cana-de-açúcar" sim? Não moro mais na Pompéia, e sim na Pompeia? E é verdade que "ideia" perdeu o acento? Este guia responde de forma objetiva e rápida às dúvidas sobre acentuação, hífen e outras normas. É um aliado precioso para todos que escrevem em português, desde textos complexos até simples bilhetes.
SILVA, M.; COSTA, E. A. **Guia prático da nova ortografia**. São Paulo: Contexto, 2012.

Vídeos

Língua: Vidas em Português.
Para ampliar seus conhecimentos sobre a língua portuguesa que se fala nos mais diferentes países que compõem a comunidade lusófona e perceber os seus diferentes usos e falares, assista ao filme **Língua: Vidas em Português.**
https://youtu.be/JBmLzbjmhhg

Fala e Escrita – Parte 01
Sobre a fala e a escrita assista ao professor Marcuschi, que traz alguns elementos e aspectos interessantes sobre essas duas modalidades.
https://youtu.be/XOzoVHyiDew

Fala e Escrita – Parte 02
https://youtu.be/6y9xK-9bbcw

Fala e Escrita – Parte 03
https://youtu.be/UqSfGyR1ERA

Referências

ÂNGELO, I. Queridíssima. **Veja**, São Paulo, 5 dez. 2016. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/queridissima>. Acesso em: 13 jul. 2023.

ANTUNES, I. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola, 2005.

ANTUNES. **Muito além da Gramática**. São Paulo: Parábola, 2007.

ANTUNES. **Análise de Textos**: Fundamentos e Práticas. São Paulo: Parábola, 2010.

BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.

BEAUGRANDE, R. ***New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and freedom of access to knowledge and society***. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1997.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e Discurso**: modos de organização. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

FARACO, C. A. Norma Padrão Brasileira: desembaraçando alguns nós. *In*: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 37-61.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. O.; AQUINO, Z. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. **O texto e a construção de sentidos**. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

MAC-KAY, A. P. M.G. **Atividade Verbal**: processo de diferença e integração entre fala e escrita. São Paulo: Plexus, 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

Referências

MARCUSCHI, L. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. São Paulo: Parábola, 2010.

MARCUSCHI, L. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

PRETI, D. **Sociolinguística**: os níveis de fala. São Paulo: Edusp, 2003.

RAMOS, R. **Circuito fechado**: contos. Rio de Janeiro: Record, 1978. p. 21-22.

Gabarito

Questão 1

c) A fala pode ser mais eficaz para transmitir informações complexas.

Justificativa: A fala é muitas vezes mais eficaz para transmitir informações complexas, pois permite o uso de entonação, gestos e outros elementos não verbais para enfatizar pontos importantes. A escrita tende a ser mais formal em muitos contextos, e a opção A está incorreta, pois a formalidade pode variar dependendo da situação.

Questão 2

c) Autoestrada

Justificativa: A resposta correta é C) "Autoestrada". No novo acordo ortográfico, muitos dos hífens que eram usados anteriormente foram eliminados, e palavras compostas como "autoestrada" passaram a ser escritas sem hífen.